

BIRGITTA HACHMANN
MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO

OS CONIMBRICENSES E PEDRO DA FONSECA COMO LEITORES DE HENRIQUE DE GAND (1)

A inexistência de quaisquer estudos sobre a recepção de Henrique de Gand na Universidade de Coimbra motivou-nos para a realização de uma série de trabalhos cujo primeiro contributo damos oportunamente neste momento à estampa. Tratar-se-á, por ora, de estabelecer o elenco de ocorrências de todas as referências feitas a Henrique de Gand ou à sua obra, à guisa de índice e como eventual instrumento de futuros trabalhos.

Tanto quanto nos é dado saber François Huet, que esteve ligado à redescoberta romântica do autor de Gand, foi o primeiro erudito moderno a atentar na predilecção de Pedro da Fonseca pelo teólogo medieval¹. A afirmação carece contudo de uma análise mais objectiva; tanto Fonseca como os Conimbricenses, como é compreensível, citam mais vezes Egídio Romano por exemplo do que Henrique de Gand, no entanto, quer queiramos quer não, pelo elenco de citações cuja lista aqui reproduzimos parece óbvio o peso real aritmético de Henrique de Gand nos trabalhos daqueles autores. Uma frequência aritmética não é por si só significativa, como facilmente se entende. Dever-se-á por isso examinar proximamente em que medida é que tais citações condicionam positiva ou negativamente, bem como a sua real extensão, os comentários dos professores de Coimbra. Tratar-se-á de determinar, portanto, se as ocorrências são ou não de índole retórica ou se no contexto da questão em exame (e está ainda por fazer o levantamento dessas questões, coisa que o presente contributo

¹ Cf. F. HUET, *Recherches historiques et critiques sur la vie, les ouvrages et la doctrine d'Henri de Gand, surnommé le Docteur Solennel*, Gand-Paris, 1838, p. 203.

certamente permitirá levar a cabo de forma razoavelmente mais rápida), tais ocorrências recebem dos comentadores a sua adesão ou a sua suspeição crítica ou a sua refutação.

Nos textos por nós examinados, Henrique de Gand só aparece referido nas formas seguintes: “Sed ecce duo Aristotelicae familiae nobiles Philosophi, Henricus Gandavensis et Scotus”²; “doctor Sorbonicus”³; “ex veteribus scholasticus egregium auctorem”⁴.

Deste nosso elenco já é possível concluir que à semelhança do que acontecia noutras paragens, também na Universidade de Coimbra se privilegiava os *Quodlibet* em detrimento da *Summa*. São conhecidos e citados todos os *Quodlibet*, coisa que já não acontece com a *Summa*. Aten-te-se no entanto que nos *Quodlibet* citados uma única vez (XIII e XIV), duas vezes (XI e XII), três (VI, X? e XV) ou mais (os restantes dez). A *Summa* é, em termos aritméticos, praticamente irrelevante. Dos seus setenta e cinco artigos apenas vinte são referidos aliás de forma muito incompleta; este facto não é surpreendente já que como obra que nunca chegou a ser terminada, apenas a secção “De Deo” foi contemplada por Henrique e os comentários de Coimbra são obras de filosofia.

Utilizámos as seguintes obras e edições dos CONIMBRICENSES⁵: *Commentarii Collegii Conimbricensis S.I. in libros Meteororum Aristotelis Stagiritae* (Lugduni, 1608); *Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in libros Aristotelis qui Parva Naturalia appellantur* (Lugduni, 1608); *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in Quatuor libros de Caelo* (Lugduni, 1608) [=QLC]; *In libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum, aliquot Conimbricensis Cursus Disputationes* (Lugduni, 1908) [= E Nic]; *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu In tres libros de Anima Aristotelis Stagiritae* (Coloniae, 1600) [= CdA]; *Commentarii Conimbricenses in Octo Libros Physicorum Aristotelis* (Lugduni, 1594: rep. Hildesheim-Zurique-Nova Iorque, 1984) [= LPh.; pp= Prior pars; ps= Pars Secunda]; *Commentarii Conimbricenses in Dialecticam Aristotelis* (Coloniae, 1607) [CII= In Isag.; CIP= In Pread.⁶; CDI= In De Int.; CAP= In An. Post.].

² *Commentarii Conimbricenses in octo libros Physicorum Aristotelis*, Pars Prior, 156.

³ *Ibid.*, 254.

⁴ *Commentariorum Petri Fonsecae Lusitani... In libros Metaphysicorum Aristotelis*, 325.

⁵ Para uma introdução, cf. A. MARTINS, “Conimbricenses”, em: *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 1, Lisboa, 1989, 1112-1126.

⁶ Cf., c. 342 e c. 418.